



# III Congresso Internacional de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento

20 a 22 de outubro de 2014

CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

#### **MPH1268**

# DESENVOLVENDO O EMPREENDEDORISMO DE NOVOS NEGÓCIOS

CARLOS MAGNO VIEIRA DOS SANTOS carlosmagno.vieira@gmail.com MESTRADO - GESTÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

**ORIENTADOR(A)**MONICA FRANCHI CARNIELLO
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ



# DESENVOLVENDO O EMPREENDEDORISMO DE NOVOS NEGÓCIOS

Carlos Magno Vieira dos Santos<sup>1</sup>, Elvira Aparecida Simões Araújo<sup>2</sup> Monica Franchi Carniello<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Especialista em Gestão Empresarial pela FGV / Mestrando em Gestão e Desenvolvimento Regional / Universidade de Taubaté – UNITAU (www.unitau.br)/carlosmagno.vieira@gmail.com

<sup>2</sup>Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas; professora do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté – UNITAU (www.unitau.br). E-mail: elvirasaraujo@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Comunicação Social – PUC Campinas, Doutora em Comunicação e Semiótica – PUCSP - Professora e Pesquisadora do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional do Programa de Pós-graduação em Administração – UNITAU. E-mail: monicafcarniello@gmail.com

#### Resumo

Este artigo apresenta questões que envolvem a qualificação do empreendedorismo de novos negócios. A atividade empreendedora de criação de novos negócios, sempre representou e continuará representando riscos de insucesso, mas pelas vias da qualificação deste tipo de empreendedorismo, acredita-se o desenvolvimento econômico seja viável. Diferentemente do que ocorria em épocas passadas, ocasião em que os empreendedores navegavam sem leme pelo mar dos novos negócios, desprovidos de bases de informações e de espaços para formação, atualmente observa-se uma recorrente mobilização de grupos de estudo que consolidam informações consistentes sobre o mercado de startups e novas micro e pequenas empresas, bem como nota-se uma intensificação nas discussões sobre o tema, o que resulta no desenvolvimento de material cada vez mais rico para a formação do empreendedor. De relatórios elaborados por centros de pesquisa, como o relatório Global Entrepreneurship Monitor (GEM), Observatório do Empreendedorismo da Endeavor e relatórios do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), a diversos livros, artigos em revistas, pautas em discussões da iniciativa pública e cursos de formação em empreendedorismo de nível técnico a executivo, a qualificação do empreendedorismo no Brasil ganha cada vez mais chances de acontecer. O objetivo desta pesquisa é percorrer os conceitos do empreendedorismo de novos negócios e compreender o panorama que se descortina no



Brasil, no tocante às oportunidades e aos desafios. Considerou-se que o objetivo foi alcançado.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Novos negócios. Desenvolvimento.

#### **Abstract**

This article presents issues involving the qualification of new business entrepreneurship. The entrepreneurial activity of new business creation, has always represented and continue to represent risks of failure, but the ways of classifying this type of entrepreneurship, we believe economic development is feasible. Unlike what occurred in past times, at which entrepreneurs sailed rudderless by the sea of new business, devoid of information bases and spaces for training, currently there is a recurring mobilization of study groups that consolidate consistent information startups and new micro and small business market, as well as notes are being stepped up in discussions on the subject, resulting in the development of richer for the formation of entrepreneurial material. Reports prepared by research centers, the report Global Entrepreneurship Monitor (GEM), Centre for Entrepreneurship Endeavor reports and the Brazilian Support Service for Micro and Small Enterprises (Sebrae), to various books, magazine articles, staves discussions initiative and public training courses in entrepreneurship at the technical level to executive, qualification of entrepreneurship in Brazil is becoming increasingly likely to happen. The objective of this research is to traverse the concepts of entrepreneurship and new business understand the landscape that unfolds in Brazil, in the opportunities and challenges. It was considered that the goal was achieved.

**Keywords:** Entrepreneurship. New business. Development.

#### 1. Introdução

O início da década de 1990 no Brasil foi marcado por movimentos de privatização de estatais e principalmente pela abertura comercial da economia doméstica. As estatais que em décadas anteriores promoveram o *start* da industrialização, chegaram aos anos 90 com problemas de gestão centrados na ausência de eficiência e eficácia financeira, resultantes de altos custos operacionais, processos burocratizados em demasia e o uso inadequado de empresas públicas como ferramentas de políticas macroeconômicas. Sobre este aspecto, Baer (2009) destaca que já no final da década de 1970 com o desenvolvimento da crise provocada pela dívida e a explosão inflacionária, o governo realizou através das empresas públicas ajustes radicais nos preços dos produtos de indústrias pesadas nos setores de ferro e aço, telecomunicações e energia elétrica, com reduções de até 60%. Uma leitura simples do processo apresentado sugere que as estatais concorriam fortemente para a falência. Diante deste cenário, Baer (2009, p.323) aponta que: "em meados de 1993, vinte empresas haviam sido privatizadas e vinte e uma outras encontravam-se na lista de privatização".



Em paralelo, a abertura comercial intensificou a competitividade, colocando às empresas nacionais a necessidade de sobrevivência por meio da produtividade e qualificação contínuas, para fazer frente aos produtos importados que adentrassem as prateleiras das redes de supermercados e lojas dos mais variados setores do mercado. Nesse sentido, Bonelli e Pinheiro (2008, p. 105) colocam que: "[...] sob a ameaça de importações competitivas, as empresas reagem à ameaça da perda de mercado aumentando a eficiência no uso de recursos, isto é, pela elevação da produtividade." e salientam ainda que: "Existem também benefícios que resultam do uso de matérias-primas, partes e componentes importados, de qualidade superior aos produzidos no país, bem como o das importações de máquinas e equipamentos, que geralmente incorporam tecnologia mais avançada, [...]"

A privatização acirrou ainda mais a competitividade através do Investimento Direto do Exterior (IDE), movimento sob o qual o capital estrangeiro se apropriou de empresas antes sob o controle do governo, além de novas instalações de empresas estrangeiras em território brasileiro. O impacto desse movimento para o crescimento econômico é positivo, conforme destacam Bonelli e Pinheiro (2008, p. 91, grifo nosso) ao apontar que: "[...] a incorporação de tecnologia e a adoção de inovações estão na base das <u>vantagens</u> possibilitadas pela abertura ao exterior em termos de desempenho da economia, pois o avanço tecnológico e a criação e difusão de inovações são os principais indutores da competitividade".

Osavanços no segmento de tecnologia e comunicação e a redução nos custos de transporte, por sua vez, aceleraram o processo de globalização da economia. Friedman (2005) destaca que a globalização percorreu três grandes eras: a globalização 1.0, que se estendeu de 1492 a 1800, quando Colombo embarcou, inaugurando o comércio entre o Velho e o Novo Mundo; a globalização 2.0, vigente no período entre 1800 a 2000, quando as multinacionais se expandiram mundo a fora em busca de mercados e mão de obra (movimento marcado pela queda nos custos de transportegraças ao motor a vapor e às ferrovias e pela queda nos custos de comunicaçãocom o desenvolvimento de telégrafos, telefones, computadores pessoais, satélites, cabeamentos de fibra ótica e a internet); e a globalização 3.0, iniciada a partir de 2000, marcada pela recém descoberta da capacidade dos indivíduos de colaborarem e concorrerem no âmbito mundial. A leitura de Friedman (2005) sobre o panorama da globalização sugere que a globalização 1.0 define-se como a globalização dos países, a globalização 2.0 como a globalização das empresas e a globalização 3.0 é a globalização dos indivíduos, fator que planifica o mundo. Diante deste cenário, não só aos indivíduos, mas também às empresas de grande e pequeno porte, descortinam-se novas perspectivas nesta era.

Os efeitos da globalização também são apresentados por Cardoso (2008) ao destacar que a dispersão do processo produtivo à escala planetária se generalizou, com os novos meios eletrônicos de comunicação e com a revolução dos meios de transporte (cargas aéreas, construção de grandes *hubs* marítimos e aeroviários, novas técnicas de transporte em contêineres em grandes cargueiros etc.). Destaca ainda que a fragmentação do processo produtivo se acentuou pela "deslocação" das empresas, na procura de proximidade com as matérias-primas ou da produção de partes dos bens finais, em geral, mas não só, dos países mais desenvolvidos para os menos.

O mundo mudou, os negócios mudaram, a interação entre países, empresas e pessoas mudou, a forma de constituir novos negócios mudou, e até mesmo a maneira de encarar a mudança mudou. Neste contexto, o empreendedorismo surge como uma onda que certamente conduzirá ao crescimento econômico nas próximas décadas.

Se por um lado, a teoria desenvolvimentista sustentada pela Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) orientou a condução em marcha forçada do processo de industrialização no Brasil, o movimento do empreendedorismo, por outro lado, não conta com uma orientação



basilar para a sua consolidação. Nota-se uma diferença peculiar nos movimentos de industrialização e a atual onda do empreendedorismo. No primeiro, o país participou tardiamente do processo, muito tempo depois dos avanços na Europa e Estados Unidos, e ainda sem uma atuação autônoma da iniciativa privada, sendo desenvolvido pelo próprio governo. O segundo movimento, à exceção do Vale do Silício e outros poucos centros de desenvolvimento de novos negócios espalhados pelo mundo, se encontra em estágio global de desenvolvimento. A planificação do mundo indicada por Friedman (2005) faz referência ao potencial de todos os mercados para o avanço nesta área, enquanto protagonistas. Sob esta perspectiva, o ato de empreender não está relacionado apenas ao sentido de sonhar, mas de realizar e construir o futuro, que de acordo com a abordagem desta pesquisa, seria a construção do futuro dos novos negócios, como um verdadeiro vetor de indução do crescimento econômico sustentável.

Sob o pano de fundo das mudanças apresentadas nesta breve introdução, a pesquisa se desenvolve nas próximas seções com o objetivo de analisar os aspectos preliminares do empreendedorismo de novos negócios considerando as oportunidades e desafios para o Brasil e trata da qualificação desse empreendedorismo, analisando a estrutura de dados levantados por núcleos de pesquisa e, sobretudo analisando as metodologias de desenvolvimento de novos negócios no contexto empreendedor.

# 2. Referencial teórico

### 2.1 Considerações preliminares sobre o empreendedorismo de novos negócios

O conceito de empreendedorismo ainda apresenta variantes de significado.Leite (2012) destaca que a palavra *entrepreneurship*, na língua inglesa, é derivada de *entreprendre*, expressão usada no século XVII, na França, para denominar o indivíduo que assumia o risco de criar o próprio negócio. Na tradução para o português, segundo o autor a palavra poderia ser traduzida como "empresário".

Numa visão mais profunda, Leite (2012) constrói o conceito de empreendedorismo apoiado pelos pensamentos de Schumpeter, McClelland e Drucker. Ao apresentar a concepção schumpeteriana, destaca o processo de "destruição criativa" (principal característica do sistema capitalista), como um processo orgânico, de permanente mutação industrial, que revoluciona a estrutura econômica a partir de dentro, destruindo a velha e criando uma nova estrutura. Esse movimento de ruptura apresenta o empreendedor como um agente de mudanças, de transformação no ciclo econômico. Sobre opensamento de McClelland, apresenta o empreendedor como aquele que exerce certo controle sobre os meios de distribuição e produz mais do que pode consumir, com o objetivo de vendê-lo para obter uma renda individual. E finalmente sobre a visão de Drucker, apresenta o empreendedor como aquele que aplica dinheiro com nova capacidade de produzir riqueza, uma pessoa que inicia e desenvolve um negócio.

Observa-se que a inovação está presente no conceito de empreendedorismo construído por Schumpeter e Drucker, enquanto que McClelland apresenta o conceito direcionado ao comportamento do empreendedor, através de estudos sobre a motivação dos indivíduos com destaque para três necessidades: realização, poder e afiliação. Talvez venha da interação destas três abordagens a proposta de Leite (2012) sobre o "espírito empreendedor", um conceito que abrange, além da inovação e definições já estabelecidas, as principais características do comportamento empreendedor, as quais dividiu em três partes:



#### 1. Conjunto de realização

- Busca de oportunidades e iniciativa;
- Persistência:
- Correr riscos calculados;
- Exigência de qualidade, eficiência e eficácia;
- Comprometimento.

#### 2. Conjunto de planejamento

- Busca por informações;
- Estabelecimento de metas;
- Planejamento e monitoramento sistemáticos;

## 3. Conjunto de poder

- Persuasão e rede de contatos;
- Independência e autoconfiança.

O ato de empreender, segundo Dornelas (2014, p. 2) "pode ser definido como o ato de realizar sonhos, transformar idéias em oportunidades e agir para concretizar objetivos, gerando valor para a sociedade". Numa perspectiva atual, o ato de empreender hoje difere do ato empreendedor do passado pela quantidade de informações à disposição das pessoas e, sobretudo pela velocidade da mudança trazida pelo avanço tecnológico na criação de produtos e nas telecomunicações.

Conforme observado nas definições de Schumpeter e Drucker trazidas por Leite, a inovação é premissa do processo empreendedor. Tal evidência é reforçada por Dornelas (2014,p. 11) ao considerar que: "tanto quanto o empreendedorismo, outro tema na agenda do país é a inovação." e acrescenta: " a inovação ocorre a partir de uma criação, invenção, da busca pela solução de questões ainda não resolvidas ou do aprimoramento de soluções já existentes para problemas que o homem enfrenta ao longo da vida e no dia a dia."

O crescimento econômico no atual estágio do capitalismo (transformado pelos efeitos da tão discutida globalização) é movido, sobretudo pela atividade empreendedora. Os avanços no campo das tecnologias de comunicação, sobretudo a internet, transformaram o mundo e a maneira de interação na vida social e nos negócios. Sobre a velocidade e a escala da transformação, Schmidt e Cohen (2013, p.12) apontam que: "na primeira década do século XXI, o número de pessoas conectadas à internet em todo o mundo aumentou de 350 milhões para mais de dois bilhões. No mesmo período, a quantidade de usuários de telefones celulares subiu de 750 milhões para bem mais do que cinco bilhões". À luz dos dados apresentados, a nova onda do empreendedorismo de novos negócios, de base tecnológica principalmente, torna-se natural e imperativa, com um campo de oportunidades inimagináveis.

Em paralelo ao desenvolvimento de novos negócios, enquanto a conectividade global continua sua expansão, várias antigas instituições e hierarquias precisarão se adaptar ou correrão o risco de se tornarem obsoletas, irrelevantes para a sociedade moderna. Empresas de grande e pequeno porte esforçam-se pela atualização, movidos pelas modificações que continuarão a transformar as instituições por dentro e por fora. (SCHMIDT e COHEN, 2013).

Oportunidades e desafios são os principais pontos que se apresentam ao empreendedorismo brasileiro neste novo e profundo cenário de mudanças do século XXI. Ainda há muito por fazer para melhorar os índices de sobrevivência de empresas na fase inicial, mas também é necessário dar atenção à criação de bases de sustentação e desenvolvimento dos negócios já existentes. O



SEBRAE divulga anualmente dados sobre a mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil. Verifica-se que o percentual de empresas que fecham as portas em até dois anos caiu nos últimos dez anos, passando de 50% para menos de 30%. (DORNELAS, 2014).

Os dados sobre a mortalidade das empresas são apresentados na tabela abaixo e pode-se constatar a involução do percentual de mortalidade das empresas:

Gráfico 1 – Taxa de mortalidade das empresas de 2 anos, evolução no Brasil



Fonte: Sebrae-NA

Notas:

As empresas constituídas em 2005 foram verificadas nas bases de 2005,2006,2007 e 2008 As empresas constituídas em 2006 foram verificadas nas bases de 2006,2007,2008 e 2009 As empresas constituídas em 2007 foram verificadas nas bases de 2007, 2008,2009 e 2010

Ao analisar a taxa de sobrevivência das empresas de setores da indústria, comércio e serviços dos países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), verifica-se que para a referência de 2007 o Brasil apresenta índices melhores que a grande maioria dos países, ficando atrás apenas de Eslovênia e Luxemburgo.

Tabela 1 – Taxa de sobrevivência de empresas com até 2 anos, constituídas nos anos de 2005, 2006, 2007 e 2008 (em %)

		Total de Empresas da Indústria, Comércio e Serviços			
Países		Nascidas em 2005	Nascidas em 2006	Nascidas em 2007	Nascidas em 2008
Países membros	Áustria	n.d.	n.d.	70,6%	n.d.
	Canadá	72,6%	71,5%	73,8%	n.d.
	Eslováquia	n.d.	72,9%	62,1%	n.d.
	Eslovênia	n.d.	n.d.	78,2%	n.d.
	Espanha	n.d.	70,7%	69,3%	n.d.
	Estônia	n.d.	71,3%	74,9%	n.d.
	Finlândia	n.d.	62,0%	63,2%	n.d.
	Holanda	n.d.	44,2%	49,7%	n.d.
	Hungria	n.d.	58,7%	55,5%	n.d.



	Itália	n.d.	67,4%	67,9%	n.d.
	Luxemburgo	n.d.	73,1%	76,3%	n.d.
	Nova Zelândia	58,9%	58,7%	56,5%	56,7%
	Portugal	n.d.	n.d.	51,1%	n.d.
Países não- membros	Bulgária	n.d.	53,4%	n.d.	n.d.
	Letônia	n.d.	n.d.	70,7%	n.d.
	Romênia	n.d.	74,8%	71,6%	n.d.

Fonte: OCDE (2013), dados extraídos em 14 de junho de 2013

No sentido de expansão dos novos negócios, a percepção dos brasileiros aponta nitidamente o empreendedorismo como uma boa opção de carreira conforme observado na tabela abaixo, com dados da pesquisa GEM (2012):

Tabela 2 -Sonho dos brasileiros: proporções – Brasil e regiões – 2012

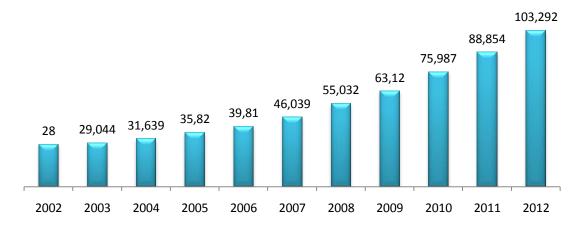
Sonho da população adulta brasileira	Brasil	Região Sudeste	
	Prop (%)	Prop (%)	
Viajar pelo Brasil	50,2	51,9	
Comprar a casa própria	48,0	47,1	
Ter seu próprio negócio	43,5	44,3	
Comprar um automóvel	36,4	31,5	
Viajar para o Exterior	33,0	34,2	
Ter um diploma de ensino superior	31,6	32,9	
Ter plano de saúde	29,9	30,8	
Fazer carreira numa empresa	24,7	26,7	

Fonte: GEM 2012 – adaptado

Outro setor que avançou bastante e está diretamente relacionado com a atividade empreendedora é o *Franchising*. Sobre este segmento é importante destacar que no momento inicial a figura do empreendedor percorreu as etapas de desenvolvimento de um novo negócio, correu os riscos inerentes ao processo e venceu, consolidando uma metodologia de trabalho eficaz e eficiente. O franqueado, indivíduo e/ou grupo de indivíduos que adquire uma franquia pode não se enquadrar como o empreendedor de novos negócios, por se tratar de um modelo já experimentado anteriormente, mas representa um papel importante no desenvolvimento econômico do país. O setor apresenta um crescimento em termos percentuais, bem acima do PIB brasileiro e é fomentado inicialmente pelo empreendedorismo de novos negócios.

Gráfico 2 – Faturamento do setor de Franchising brasileiro (em bilhões de R\$)

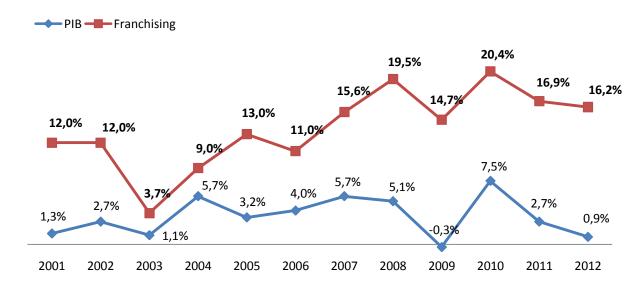




Fonte: ABF, 2014

Na relação PIB do Brasil – Crescimento do *Franchising*, evidencia-se a forte expansão do mercado de franquias e o gradativo incremento para o crescimento econômico do país. Pode-se considerar as franquias como um empreendimento novo que deu certo, atingiu certo estágio de maturidade e ampliou sua participação no mercado. Sob esse ponto de vista, o desenvolvimento do franchising, grosso modo, pode ser traduzido como o avanço do empreendedorismo.

 $Gr\'{a}fico~3-Comparativo~entre~o~PIB~brasileiro~e~o~PIB~do~crescimento~do~Franchising~brasileiro~$ 



Fonte: ABF, Banco Central, IBGE e Credit Suisse

No contexto do empreendedorismo encontram-se vários caminhos para empreender. Existem pessoas que empreendem como funcionários de uma empresa, outros se organizam em causas socais, e há ainda os que empreendem em cargos públicos. Sobre o empreendedorismo de novos negócios, foco deste artigo, Dornelas (2014) destaca dois tipos de empreendedores e os principais fatores que os motivam:



- Os empreendedores por necessidade: este grupo trilha o caminho do empreendedorismo por falta de acesso a oportunidades de trabalho formal como empregado;pela necessidade de recursos financeiros mínimos para arcar com as demandas da sobrevivência; por carência de conhecimento explícito; ou por demissão e desemprego;
- Os empreendedores por oportunidade: este outro grupo ingressa no empreendedorismo por decisão delibera e/ou planejada; por ter identificado uma idéia, descoberta ou inovação; através de convite; com o desejo de autonomia; por ganhar um recurso inesperado; para realizar um projeto da pós-carreira (após a aposentadoria); para realizar o projeto de ganhar dinheiro e se realizar financeiramente; ou para realizar uma missão de vida (querer deixar um legado).

Este breve panorama do empreendedorismo sugere que o próprio conceito de empreendedorismo ainda apresenta várias conotações, mas para efeito de desenvolvimento econômico, o empreendedorismo de novos negócios merece atenção especial. Vislumbram-se oportunidades e desafios para desenvolver e transformar inovação em negócios que gerem valor para um vasto mercado consumidor. A palavra de ordem é qualificação no sentido amplo do empreendedorismo, desde uma base de dados sólida e consistente, às articulações públicas e privadas no sentido de instruir e facilitar a criação, o desenvolvimento e a sustentabilidade de novos negócios no Brasil.

# 2.2 Estudos e pesquisas sobre o empreendedorismo no Brasil

Conforme foi observado, o movimento do empreendedorismo cresce e se estabelece no Brasil e no mundo. Em um momento ímpar na história, o Brasil tem condições de construir as bases do empreendedorismo exatamente no momento em que este se desenvolve pelo mundo. O presente estágio da tecnologia da informação permite que a base de conhecimento gerada em qualquer canto do planeta chegue a todos de forma muito rápida. Se no processo de industrialização entramos na onda quando ela já havia passado, nesta etapa do empreendedorismo podemos surfar na "crista da onda". Diante desta constatação é imperativo que sejam desenvolvidas condições para qualificar este empreendedorismo de novos negócios, de modo que haja um efetivo crescimento econômico sustentável.

Verifica-se um aumentono número de grupos de pesquisa sobre o tema do empreendedorismo, bem como melhora significativamente o nível da qualidade das informações levantadas nas pesquisas. Núcleos importantes como o SEBRAE, a Endeavor, a Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), Fundação Getúlio Vargas (FGV), apenas para citar alguns, se dedicam à qualificação do empreendedorismo de novos negócios no Brasil. Concomitante, as pesquisas desenvolvidas em núcleos nos países estrangeiros e os trabalhos de pesquisadores renomados chegam com muita rapidez, compondo assim um arsenal do conhecimento cada vez mais sólido. Se a teoria geral da administração foi construída a duras penas no chão das fábricas da época, sobre a análise minuciosa dos processos industriais, a teoria do empreendedorismo vem sendo construída a várias mãos e de forma acelerada, coletivamente entre nações, empresas, grupos de pesquisas e indivíduos. Novas metodologias são discutidas em vários cantos do planeta, e ajustes são realizados instantaneamente, como aconteceu com o livro Business Model Generation, escrito Osterwalder e Pigneur e cocriado por uma incrível multidão de 470 praticantes em 45 países.

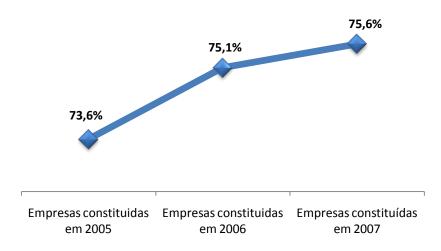
O SEBRAE apresenta uma série de relatórios que monitoram o desenvolvimento de novos negócios e apresenta dados consistentes que ajudam a quantificar o empreendedorismo. A



importância em quantificar dados está na possibilidade de uma leitura precisa sobre o atual estágio de desenvolvimento no qual se encontra a atividade empreendedora. Desse ponto, é possível estabelecer estratégias para atuar na melhoria das condições, seja através da iniciativa pública, seja através da própria iniciativa privada.

O relatório: As Pequenas Empresas do Simples Nacional 2011 apresenta dados como a distribuição de Micro e Pequenas Empresas (MPE) por região, o faturamento médio das MPE por Estado, a participação do faturamento das MPE no PIB dos Estados, a distribuição das MPE por setores de atividades, entre outros dados relevantes para o estudo do setor. Outro relatório já consolidado pelo SEBRAE é o estudo sobre a sobrevivência das empresas no Brasil (no geral e segmentado por regiões e setores de atividade), que apresenta um aumento significativo e gradativo no índice:

Gráfico 4 – Taxa de sobrevivência de empresas de 2 anos, evolução no Brasil



Fonte: Sebrae-NA

Notas:

As empresas constituídas em 2005 foram verificadas nas bases de 2005,2006,2007 e 2008 As empresas constituídas em 2006 foram verificadas nas bases de 2006,2007,2008 e 2009 As empresas constituídas em 2007 foram verificadas nas bases de 2007, 2008,2009 e 2010

Outroestudo que se consolidou no Brasil é o relatório Global Entrepreneurship Monior (GEM) empreendedorismo, presente no país desde 2000. No ano de 2012 a pesquisa abrangeu 69 países. O estudo se estrutura sobre o levantamento de dados primários junto à população com idade entre 18 e 64 anos e sobre a opinião de especialistas no tocante às condições apresentadas no país para a formação de novos negócios. Sobretudo, o resultado da pesquisa apresenta o perfil comportamental do brasileiro frente ao empreendedorismo. Dados relevantes são apontados no relatório:

Tabela 3 – Fatores limitantes – Resultado do questionário com especialistas com perguntas estruturadas sobre políticas governamentais: burocracia e impostos – Brasil e Países – 2012

Del/kiese Community in homeonic in immedia	Brasil	Países
Políticas Governamentais: burocracia e impostos	Média	Média



Em meu país, as novas empresas conseguem obter a maioria das permissões, licenças e concessões em cerca de uma semana	1,3	2,2
Em meu país, é relativamente fácil par empresas novas e em crescimento lidar com a burocracia governamental, regulamentações e permissões	1,4	2,4
Em meu país, a carga de tributos não é um fardo para empresas novas e em crescimento	1,7	2,5
Em meu país, os tributos e outras regulamentações governamentais são aplicados às empresas novas e em crescimento de forma previsível e consistente	2,0	2,7

Fonte: GEM 2012

Nota: Média das respostas dos especialistas em cada tópico numa escala de 1 a 5. Quanto maior o valor, mais positiva a avaliação.

Sobre a percepção positiva de oportunidades para o desenvolvimento de novos negócios no país:

Tabela 4 – Fatores favoráveis – Resultados do questionário com especialistas com perguntas estruturadas sobre percepção de oportunidades existentes – Brasil e países – 2012

Percepção de oportunidades existentes		Países
		Média
Em meu país, as boas oportunidades para novas empresas cresceram consideravelmente nos últimos cinco anos	4,1	3,4
Em meu país, existem inúmeras oportunidades para a criação de novas empresas	4,0	3,6
Em meu país, há um número maior de boas oportunidades para a criação de novas empresas do que as pessoas são capazes de tirar vantagem dela	3,8	3,5
Em meu país, as pessoas podem facilmente buscar oportunidades de negócios	3,2	3,0
Em meu país, existem inúmeras oportunidades boas para a criação de empresas de alto crescimento real	3,2	3,1

Fonte: GEM 2012

Nota: Média das respostas dos especialistas em cada tópico numa escala de 1 a 5. Quanto maior o valor, mais positiva a avaliação.

O último instrumento destacado neste artigo é o recém criado relatório Observatório do empreendedorismo, uma parceria da Endeavor com a SAP, no intuito de reunir dados, conhecimento e melhores práticas de empreendedorismo no Brasil. Dados da pesquisa revelam que de 2008 a 2011, 1,5% das empresas brasileiras geraram 48,5% dos novos postos de trabalho e responderam por uma produção dez vezes maior que as demais empresas brasileiras.

A pesquisa apresenta dados do Banco Mundial, do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) e da Organização das Nações Unidas (ONU), os quais estão estruturados em seis categorias, que seguem os padrões do Programa de Indicadores de Empreendedorismo (PIE) da Organização para



Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE): Ambiente Regularório, Mercado, Acesso a capital, P&D e Tecnologia, Capital Humano e Cultura.

De acordo com a pesquisa, a cultura empreendedora brasileira demonstra muita vontade, mas pouca capacitação. Apesar de 76% dos brasileiros preferirem empreender ao invés de trabalhar para terceiros, apenas 9% receberam algum tipo de capacitação sobre o seu negócio, enquanto que no Chile essa taxa é de 43%. O ambiente regulatório é apontado como o maior empecilho para o crescimento das empresas brasileiras, com uma carga tributária muito pesada e uma burocracia sem igual no mundo. O empreendedor leva, em média, quatro meses para formalizar a sua empresa e gasta 2.600 horas por ano para declarar e pagar os impostos.

O relatório indica que falta gente boa para sustentar o crescimento das empresas. Apenas 17,8% dos jovens entre 18 e 24 anos estão matriculados nas universidades. O Brasil tem apenas uma instituição de ensino superior listada no ranking dos cem melhores cursos de MBA do mundo. Aponta ainda um enorme hiato entre as empresas e a academia, fator que justifica a falta de inovação nacional. Outro aspecto de extrema relevância se traduz na dificuldade de acesso ao crédito, altas taxas de juros e exigências de garantias reais que inviabilizam as operações de fomento. E, no que tange ao crescimento econômico de longo prazo, apesar do Brasil ter o sétimo maior mercado doméstico do mundo, com cerca de 40 milhões de brasileiros que atingiram a classe média, a qualidade geral da infraestrutura apresenta sérios desafios.

O Brasil apresenta um dos piores índices de percepção sobre o peso da burocracia do mundo. O sistema tributário transfere para o empresário um fardo muito pesado. De 1988 até 2013 mais de 300.000 novas normas tributárias foram criadas. O tempo e a burocracia para formalizar os novos negócios foram estimados como o quarto pior do mundo. A legislação trabalhista é apontada como inflexível e o país está entre os 20 piores do mundo quanto aos mecanismos que deveriam funcionar como apoio ao cumprimento e aplicação de contratos. Esse fator gera incerteza e insegurança no estabelecimento de contratos de negócios.

A relação capital humano é apontada como desafiadora no cenário do desenvolvimento do empreendedorismo competitivo no Brasil. Falta qualificação técnica à mão de obra e qualificação em administração ao empreendedor. Apesar de 60% dos universitários indicarem intenção de empreender, apenas 38,1% investe tempo aprendendo a iniciar um negócio.

#### 3. Método

O presente trabalho, enquanto procedimento metodológico constituiu-se de uma pesquisa bibliográfica e documental de caráter exploratório. Na introdução, buscou-se apresentar os processos de privatização e abertura comercial da década de 1990 como um marco definitivo para o ingresso da economia brasileira na nova era do capitalismo sustentado pelas bases da globalização. Os autores pesquisados destacam pontos favoráveis desse processo no tocante ao desenvolvimento da competitividade, fator que embasa o pensamento empreendedor. Aspectos dos estágios da globalização e as mudanças e impactos gerados pela tecnologia também foram evidenciados. A seção 2.1 apresenta considerações preliminares sobre o empreendedorismo de novos negócios, com especial destaque à conceituação segundo diferentes autores. Na seção 2.2 foram destacadas algumas das principais pesquisas realizadas no Brasil com foco no empreendedorismo de novos negócios. São analisados os relatórios do SEBRAE, da pesquisa GEM e da Endeavor. Os resultados e discussões são apresentados em forma de análise sobre o referencial teórico e propõe em certas ocasiões uma interpretação dos dados à luz do capitalismo.



#### 4. Resultados e discussão

O presente trabalho parte de considerações feitas acerca do processo de privatização e abertura comercial realizadas no Brasil a partir da década de 1990. A leitura dessa realidade aponta que o país entrou tardiamente no processo de industrialização, em marcha forçada, impulsionado pelos ideais da CEPAL. A indústria de base foi criada e segmentos importantes ao desenvolvimento da nação foram estruturados, como o caso das companhias de energia elétrica, siderúrgicas, companhias de exploração e refino de petróleo e bancos. Evidencia-se que as empresas públicas adentraram a década de 1990 em estágios próximos ao da falência, em decorrência de políticas inadequadas conduzidas pelo governo.

O processo de privatização retirou a carga pesada que o Estado sustentou por certo período, e permitiu que a eficácia e eficiência (palavras bastante exploradas no taylorismo em épocas anteriores) pudessem, de fato, fazer parte no planejamento dos dirigentes das empresas. Nas mãos da iniciativa privada, a competitividade forçou a busca contínua pela qualificação e produtividade. Concomitantemente, a abertura comercial tornou a competitividade ainda mais intensa, ao mesmo passo que permitiu a entrada de tecnologia e *know how* estrangeiros.

O IDE também teve um importante papel na inclusão do Brasil na globalização. Sob a forma de Investimento Direto o capital estrangeiro se apropriou de empresas nacionais e promoveu a instalação de outras empresas, trazendo tecnologia, gerando empregos e renda.

Os três eventos apresentados, evidencia-se, impactaram na preparação do país para a competitividade em nível global.

Os apontamentos de Friedman (2005) apresentam uma leitura dos estágios pelos quais passou a globalização, conectando ao mundo: as <u>nações</u> através da expansão comercial alémfronteiras; as <u>empresas</u> com as multinacionais (ou as transnacionais, pois mesmo que as grandes empresas tenham avançado território, seus núcleos de administração financeira e estratégica ainda permaneceram no país de origem) instalando filiais em várias partes do planeta na busca por novos mercados de matérias-primas, de mão de obra e de consumo; e os indivíduos, com a descoberta da possibilidade de cooperação e concorrência em nível planetário. É imperativo afirmar que os avanços tecnológicos, nas áreas de telecomunicações e transportes têm como raiz o fenômeno da globalização que por sua vez, se apresenta como a própria expansão do capitalismo.

A leitura sobre o acontecimento da globalização sugere que a expansão que ocorreu foi uma expansão comercial, do capital, ou de formas de ampliar o potencial para os negócios. A industrialização trazida ao Brasil pela CEPAL de certo modo, foi uma busca pela estruturação do país para a adequação ao capitalismo em sua faze de expansão. A exposição à livre concorrência em nível global, outro acontecimento gerado pela globalização, exigiu do Brasil uma adequação ainda mais rígida aos padrões de competitividade, pautados pela produtividade e qualidade contínuos. O ganho neste processo, sem dúvidas, foi uma melhor qualificação da atividade de negócios, conforme destacado por Bonelli e Pinheiro (2008).

Diante desse cenário, o empreendedorismo apresenta um movimento crescente e recorrente em redor do mundo. O fenômeno torna-se a nova base para o desenvolvimento de novos negócios. Grandes corporações de base tecnológica ganham o mundo em períodos muito curtos, como exemplos recentes do Google e do Facebook. Se no passado, as indústrias dependiam, sobretudo, de grandes volumes de capital para se desenvolverem, o empreendedorismo de novos negócios traz possibilidades a todos, sem distinção, tendo como um dos principais recursos o conhecimento.



Sobre as bases conceituais do empreendedorismo, encontramos em Leite (2012) os pensamentos de Schumpeter, principalmente com a teoria da "destruição criativa", fator de mutação e desenvolvimento do capitalismo na nova era; os pensamentos de Drucker, que referenciam o empreendedor como um agente de mudanças, pessoas que estão simultaneamente criando novos tipos de negócios e aplicando novos conceitos administrativos; e os pensamentos de McClelland que colocam ênfase em aspectos comportamentais da prática empreendedora, considerando na essência os fatores de indução da motivação do empreendedor.

Dornelas (2014) coloca o conceito de forma pragmática e atribui aspectos como o ato de realizar sonhos e transformar idéias em oportunidades de gerar valor para a sociedade.

A análise do conceito de empreendedorismo aponta para o fator da inovação, atributo destacado nos pensamentos de Schumpeter e Drucker trazidos por Leite (2012) e Dornelas (2014). O atributo da inovação, uma vez que potencializa a ampliação e o desenvolvimento de novos negócios, age como a essencial ferramenta para a expansão do capitalismo.

Schmidt e Cohen (2013) destacam as oportunidades para os novos negócios ao apresentarem dados sobre o aumento do número de pessoas com acesso à internet e à telefonia móvel. Nesse sentido, o cenário ao empreendedorismo está relacionado ao avanço do capitalismo, estruturado pelo fenômeno da globalização, tendo a inovação como premissa.

No Brasil, pesquisas realizadas pelo SEBRAE apontam que melhoram os índices de sobrevivência dos novos negócios criados a partir de dois anos. Dados da OCDE revelam que o Brasil está em posição confortável no comparativo com grande parte dos países que fazem parte do órgão internacional, sendo classificado com índices superiores. Mas a sobrevivência das novas empresas no Brasil pode ser sustentada por fatores regionais de percepção e aceitação de produtos em estágios distintos de qualificação. Pode-se considerar, por exemplo, que o nível de exigência no Brasil seja menor em relação à qualidade final de produtos e serviços, ao passo que em outros países pesquisados esse nível tenha um grau superior de exigência.

Outro indicador de desenvolvimento no segmento de novos negócios é o crescimento de franquias. Este setor apresenta um PIB, em termos percentuais, bem acima do PIB do país, revelando um forte crescimento. Mesmo que o franqueado não se enquadre como o empreendedor de novos negócios, o franqueador representa o papel do empreendedor de sucesso que percorreu as etapas do desenvolvimento de sua empresa. Importante ressaltar que mesmo o franqueado tem papel relevante para o crescimento econômico do Brasil, seja pela produção e participação no resultado do país, seja pela geração de emprego e renda.

Dados da pesquisa GEM demonstram que o sonho do brasileiro está se direcionando para o empreendedorismo de novos negócios, com 48% dos entrevistados optantes por ter o próprio negócio em detrimento de 24,7% dos entrevistados optantes por construir carreira em uma empresa.

Partindo da transformação em nível de competitividade trazidos pelos processos de privatização e abertura comercial que inseriram a economia brasileira na nova era do capitalismo, pela crescente disponibilidade de tecnologia nos vários segmentos de mercado, chegando às evidências de crescimento do número de novos negócios que vingam, nota-se que este momento é muito propício ao desenvolvimento do empreendedorismo de novos negócios.

Antecipando-se às oportunidades e tendências do futuro dos negócios, grupos de pesquisas dedicam-se a diagnosticar e quantificar o fenômeno do empreendedorismo. SEBRAE, GEM e Endeavor relacionam dados que servem de embasamento para qualificar o empreendedorismo de novos negócios no Brasil.

Nota-se que os dados trazidos pelo Observatório do Empreendedorismo apontam com maior "criticidade" o panorama do empreendedorismo de novos negócios, o que remete a uma discussão em vários níveis, acerca dos rumos a tomar.



# 5. Considerações finais

O presente artigo levantou questões atuais a cerca do empreendedorismo de novos negócios, e dentre os dados obtidos, chegou-se àconceituação do tema frente ao atual estágio do sistema capitalista, renovado pela globalização. Evidenciou-se que empreendedorismo e inovação são conceitos intrínsecos e fatalmente estão alinhados com a expansão do capitalismo. Oportunidades são evidentes e freqüentes no cenário atual dos negócios. Avanços foram identificados no desenvolvimento de novos negócios no Brasil. Constatou-se que é crescente o número de grupos de pesquisa focando o tema do empreendedorismo e que, o nível e base de dados se qualifica de forma recorrente, o que por sua vez qualifica novos planejamentos e tomadas de decisão. Uma outra seção sobre as metodologias de desenvolvimento de novos negócios estava prevista para o presente artigo, mas em virtude da quantidade e riqueza dos dados trabalhados, esta seção será tema de um artigo futuro.

#### Referências

As Pequenas Empresas do Simples Nacional. SEBRAE, 2011.

BAER, Werner. Economia Brasileira. 3.ed. São Paulo: Nobel, 2009.

BALESTRIN, Alsones; VERSCHOORE, Jorge. **Redes de cooperação empresarial [recurso eletrônico]: estratégias de gestão na nova economia.** Porto Alegre: Bookman, 2009.

BARBIERI, Jose Carlos. (Organizador). **Organizações Inovadoras – estudos e casos brasileiros.** 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BESSANT, John; TIDD, Joe. **Inovação e empreededorismo [recurso eletrônico].** Porto Alegre: Bookman, 2009.

BLANK, Steve. Por que o movimento lean startup muda tudo. **Harvard Business Review Brasil.** São Paulo, v. 91, n. 5, p. 35-41, mai. 2013.

**Boletim Estudos & Pesquisas**. SEBRAE. nº 25. Novembro. 2013.



BONELLI, Regis; PINHEIRO, Armando Castelar. Abertura e crescimento econômico no Brasil. In: **Brasil Globalizado.** BARROS, Octavio; GIAMBIAGI, Fabio (Organizadores). Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. pp. 89-124.

CARDOSO, F. H. Um mundo surpreendente. In: BARROS, Octavio de; GIAMBIAGI, Fabio (Organizadores). **Brasil Globalizado**. São Paulo: Elsevier, 2008.

DEUTSCHER, Jose Arnaldo [et al.]. Plano de negócios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

DORNELAS, José. Empreendedorismo para visionários: desenvolvendo negócios inovadores para um mundo em transformação. Rio de Janeiro: Empreende/LTC, 2014.

DORNELAS, José. Plano de negócios: seu guia definitivo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

Empreendedorismo no Brasil. GEM, 2012.

FELDMANN, Paulo Roberto. Um plano diretor para o desenvolvimento da pequena empresa moderna. In: VELLOSO, João Paulo dos Reis (Coordenador). China, India e Brasil: O país na competição do século. Rio de Janeiro: José Olimpio, 2011.

FRIEDMAN, Thomas. **O mundo é plano: Uma breve história do século XXI.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

LEITE, Emanuel. O fenômeno do empreendedorismo. São Paulo: Saraiva, 2012.

MULLINS, John. Use dinheiro do cliente para bancar sua startup. **Harvard Business Review Brasil.** São Paulo, v. 91, n. 7, p. 12-15, jul. 2013.

Observatório do Empreendedorismo. Endeavor, novembro, 2013.

OLAVE, Maria Elena León; NETO, João Amato. Redes de cooperação produtiva: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas. Gestão & Produção, v. 8, n. 3, p.289-303, dez. 2001.



ONYEMAH, Vincent; PESQUERA, Martha Rivera; ALI, Abdul. O grande erro do empreendedor. **Harvard Business Review Brasil.** São Paulo, v. 91, n. 5, p. 42-47, mai. 2013.

OSTERWALDER, Alexander; PIGNEUR, Yves. **Business Model Generation: Inovação em Modelos de Negócios.** Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.

RIES, Eric. A startup enxuta: lean startup. São Paulo: Lua de papel, 2012.

SALIM, Cesar Simões; SALIM, Helene Kleinberger; FERREIRA, Carlos Frederico Corrêa. **Implantando uma empresa – a partir do plano de empreendimento.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

SCHMIDT, Eric; COHEN, Jared. A Nova Era Digital. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

TACHIZAWA, Takeshy; FARIA, Maria de Sant'Anna. Criação de Novos Negócios – gestão de micro e pequenas empresas. 2. ed. 5. Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

